



PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA: desafios inéditos

Patricia Miolo¹

Debora Ortiz de Leão²

Eixo temático: 10- Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo: Esse texto resulta de um recorte da dissertação de mestrado profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional. A pesquisa teve como objetivo compreender como as suas práticas pedagógicas de alfabetização foram reorganizadas na pandemia. A metodologia decorre de uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Como instrumento de coleta de dados se utilizou de questionário aberto com professores do ciclo de alfabetização. Para a análise dos dados adotou-se a análise de conteúdo para interpretar seus sentidos e significados. O referencial teórico dialoga com os pressupostos de autores como Kramer (1986), Ferreira (2010), Soares (2012), entre outros, que contribuirão para as reflexões e discussões. O que se pode considerar a partir das respostas das professoras colaboradoras da pesquisa é que o professor soube, sim, se reinventar e excelentes práticas surgiram neste momento, onde os alunos e suas famílias eram os protagonistas principais neste processo de alfabetização e de construção de conhecimentos.

Palavras-chaves: Alfabetização; Práticas de alfabetização; Pandemia.

Introdução

Se o ano de 2020 nos apresentou inúmeros desafios no que se refere a alfabetizar letrando durante uma pandemia³, o ano de 2021 não iniciou de uma forma muito diferente,

¹Mestra em Políticas Públicas e Gestão Educacional pela UFSM. Professor da Educação Básica do Município do Santa Maria/RS. Contato: patriciamiolo@gmail.com

²Pós doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora Associada na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. Contato: dboleao@gmail.com

³ A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou, em 30 de janeiro de 2020, que o surto da doença causada pelo novo coronavírus (Covid-19) constitui uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional- o mais alto nível de alerta da Organização, conforme previsto no Regulamento Sanitário Internacional. Em 11 de março de 2020, a Covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia

pois os desafios foram basicamente os mesmos, uma vez que a pandemia ainda se faz presente. Porém, a diferença é que, desta vez, não estávamos tão perdidos e inseguros, como ocorreu em 2020. Algumas situações já tínhamos vivido e já havíamos adquirido alguma noção do que podíamos fazer.

Distanciamento social, escolas fechadas ou em processo de reabertura, a necessidade de se repensar formatos entre o virtual e o presencial foram algumas das questões marcantes e angustiantes daquele momento. Como professores, vivenciamos tantas coisas inéditas e tão diferentes na educação nessa época de pandemia. E quantas coisas! Muitas delas, diríamos talvez ser impossíveis de acontecerem, mas agora elas vêm impactando nosso trabalho e também a nossa vida pessoal. Tem-se exigido de professores(as) e estudantes novas e diferentes habilidades no que se refere ao uso de plataformas e ferramentas tecnológicas e o ensino remoto envolve muitos custos materiais, acessibilidade, alterações de tempos e espaços de trabalho. O ensino remoto exigiu dos docentes gastos extras com materiais, equipamentos, planos de acesso à internet, excedentes de utilização o de energia elétrica, modificando as residências em plataformas de trabalho.

A alfabetização é um dos temas que historicamente demandam atenção especial na área da Educação e, que, tem sido parte da atuação profissional como alfabetizadora⁴ da rede básica e professora no Ensino Superior⁵. Sendo assim, questionamos: Como as práticas pedagógicas de alfabetização foram reorganizadas na pandemia? Com o intuito de responder estas e outras inúmeras indagações nos propomos a pesquisar sobre a alfabetização em tempos de pandemia, procurando registrar essa vivência inédita uma vez que ainda não havíamos enfrentado tal situação no contexto educacional.

Alfabetização e letramento: da decodificação a função social

Como exposto anteriormente, durante algumas décadas, no Brasil, a alfabetização foi entendida como mera decodificação de sons e letras. Porém, com o surgimento do termo “letramento”, que vem com o objetivo de ampliar o ato de alfabetizar, saber ler e escrever não é mais condição suficiente para atender às demandas sociais, pois na sociedade predominantemente grafocêntrica em que vivemos; não é mais aceitável ler e escrever de

(OMS/PAHO, 2020), definida pela organização como a “disseminação mundial de uma nova doença [...] quando uma epidemia, surto que afeta uma região, se espalha por diferentes continentes com transmissão sustentada de pessoa para pessoa”.

⁴ Prof^a Ms. Patricia Miolo

⁵ Prof^a Dr^a Débora Ortiz de Leão.

forma mecânica. É preciso garantir uma interação ampla com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade para que se possa entender os vários significados do uso da leitura e da escrita em variados contextos. Com isso, trazemos aqui algumas definições de alfabetização e letramento na visão de alguns autores que estudaram sobre o tema e os métodos de alfabetização.

Segundo Kramer (1986, p.17), a alfabetização "vai além do saber ler e escrever inclui o objetivo de favorecer o desenvolvimento da compreensão e expressão da linguagem". Portanto, não basta somente ler e escrever, é necessário entender o que é a leitura e a escrita. Oliveira (2002, p. 25) aponta que: "alfabetizar significa saber identificar sons e letras, ler o que está escrito, escrever o que foi lido ou falado e compreender o sentido do que foi lido e escrito". Sendo assim, reforça que é indispensável a compreensão no processo de alfabetização.

Segundo Soares (2012, p.15): "Alfabetizar significa adquirir a habilidade de decodificar a língua oral em língua escrita [...]. A alfabetização seria um processo de representação de fonemas em grafemas (escrever) e de grafemas em fonemas". Compreende-se, assim, que alfabetizar é mais do que decodificar e é imprescindível ser um processo significativo de aprendizagem. As informações recebidas devem ser compreendidas e utilizadas pelos indivíduos em práticas sociais. Sendo assim, no processo de alfabetização, a criança precisa compreender e adquirir diversas habilidades para utilizar a leitura e a escrita como condições fundamentais para a participação cidadã.

Para atender e manter relação com a sociedade, surge a abordagem do letramento. Segundo Magda Soares, a invenção do letramento no Brasil se deu em meados dos anos de 1980, mesmo período em que se deu também em países como França e Portugal: "Letramento é palavra recém-chegada ao vocabulário da Educação e das Ciências Linguísticas: é na segunda metade dos anos 80" (SOARES, 2012, p. 15).

Etimologicamente, o termo Letramento vem da língua inglesa *literacy*, que se origina do termo *littera*, do latim, significando LETRA. Letramento é a condição de quem assume conhecer e aprender o mundo letrado. Refere-se, desta forma, a uma variedade de usos da leitura e da escrita nos mais variados contextos sociais.

Ou seja: *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 2012, p. 17).

Lemos e Antunes (2008, p. 245) conceituam letramento como:

[...] condição do indivíduo de informar-se através da leitura, buscar notícias e lazer em jornais e revistas, interagir ao escolher o que está lhe interessando, se divertir com histórias em quadrinhos, entender uma receita culinária, fazer sua lista de compras, saber escrever um bilhete, um telegrama. Letramento é descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, entender quem somos e descobrir quem podemos ser.

Para Tfouni (2006), enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade. De acordo Frade (2007), o conceito atual de alfabetização vai muito além da mera decodificação das letras e dos números, pois não basta apenas saber escrever o nome, ler e escrever algumas palavras e ser capaz de realizar cálculos matemáticos simples. Isso pressupõe que devemos levar em conta o uso social da leitura e da escrita, visto que nos diferentes meios sociais elas são utilizadas de maneiras diferentes e, se não dominarmos os seus usos, podem surgir barreiras que atrapalhem de forma considerável na realização de tarefas variadas que prejudiquem a comunicação, conforme as diferentes demandas da vida em sociedade.

Na atualidade, há um entendimento de que a alfabetização não antecede o letramento, os dois processos acontecem concomitantemente. Então, para que as crianças, os jovens e adultos evoluam no processo de alfabetização e utilizem a leitura e a escrita nas práticas sociais, é fundamental que tenham oportunidade de ter mais contato com a escrita nas suas mais diversas manifestações, construindo ideias mais precisas sobre o seu funcionamento.

Sendo assim, acreditamos que a alfabetização e letramento devem andar de “mãos dadas”, um complementando o outro, um dando sentido e significado ao outro. Pois, a alfabetização é um processo de aprendizagem no qual a criança desenvolve a competência de ler e escrever, já o letramento se ocupa da função social da leitura e escrita.

Atualmente, a alfabetização não é algo separado do mundo, ela envolve um processo de construção de conhecimentos que leva os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos autônomos, ativos e críticos na sociedade. Ela forma-se num processo amplo e complexo, o qual destaca a importância de as crianças fazerem uso social da leitura e da escrita, reconhecendo a função social da linguagem.

Metodologia

A pesquisa realizada insere-se em uma abordagem qualitativa do tipo estudo de caso. Por meio do estudo de caso, tem-se a intenção de apreender a totalidade da nossa unidade de estudo, de iniciar uma discussão e reflexão sobre a organização adotada para o

desenvolvimento das práticas de alfabetização dos anos iniciais do ensino fundamental em um contexto de pandemia. Para compor a pesquisa de campo enviamos um questionário aberto para 4 (quatro) professoras que atuam no ciclo de alfabetização de uma escola da rede municipal de ensino do Município de Santa Maria/RS. De acordo com Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” Para tanto, organizamos um questionário considerando as categorias gerais de investigação a priori: políticas públicas educacionais, políticas curriculares, alfabetização e pandemia. No caso desse texto, optamos por apresentar e dialogar com as repostas dos professores que atuam em ciclos de alfabetização com ênfase nas práticas desenvolvidas. Para a análise, nos utilizamos da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) pois, a mesma é importante no momento de se interpretar as respostas fornecidas através do questionário.

Resultados e Discussão

O processo de alfabetização em si já é algo complexo, mas alfabetizar por meio de aulas remotas, torna o desafio ainda maior. As práticas de alfabetização durante a pandemia, tiveram que ser ressignificadas. Sendo assim, perguntamos às professoras colaboradas da pesquisa: “Como as suas práticas pedagógicas de alfabetização foram reorganizadas na pandemia?” O que se pode compreender através das repostas das professoras é que todas tiveram que sair da sua zona de conforto, tiveram que se reinventar, ir além, aprender mais, ressignificar suas práticas para auxiliar seus alunos através do ensino remoto. A professora A explicou com detalhe como ressignificou a sua prática:

Tive que me adaptar ao tecnológico, descobrir uma nova sala de aula, virtual, enxergando os alunos bem pequeninos na tela do computador. No começo foi bem difícil, mas depois fui me adaptando. Trabalhei com muitos jogos online, livros em pdf, gravei algumas histórias com áudio e imagem, aulas no Meet, material impresso, plantão no Messenger e no watts.

Sendo assim, a professora A destaca a importância da tecnologia e os desafios da mesma. Pois, durante à pandemia, era fundamental o uso das tecnologias digitais e de comunicação no contexto escolar como forma de continuar a desenvolver o ensino aos alunos. Estas ferramentas tecnológicas durante o isolamento social serviram como principais formas de contato entre o aluno e a escola. Para Castro Filho e Albuquerque (2020, p.588):

Essas ferramentas tecnológicas, quando inseridas no ambiente escolar, propiciam não somente o desenvolvimento de atividades pedagógicas utilizando as mídias digitais, mas também contribuem para o fortalecimento das ideias, do diálogo, estimulando a criatividade e a criticidade dos estudantes.

Dessa forma, pensar os processos educativos tanto no campo da cultura como da cultura digital, de forma peculiar, e os sentidos dados nesses cenários, requer pensar o sujeito enquanto situado em um universo sociocultural do qual ele é não somente integrante e representante, mas também produtor. (COCCO; CAIMI, 2021).

Os jogos online também estiveram presentes na prática da professora A. Observa-se que as aulas com jogos favorecem o envolvimento dos estudantes, proporcionam mais sentido e mais prazer para o processo de ensino-aprendizagem. Conforme indicado por Dondi e Moretti (2007), os jogos educativos são aqueles que possuem um objetivo didático explícito e, além do ato de jogar, tem como objetivo também promover processos de aprendizagem em um contexto de educação formal ou informal. O jogo online como recurso didático e estratégico, usado de forma direcionada, planejada e intencional na interação professor e aluno, na sala de aula online na aprendizagem, faz a diferença, levará o aluno à construção de novos conceitos e novos conhecimentos e em algumas situações contribui também para concretizar o conteúdo já ensinado pelo professor.

A partir da resposta da professora A destacamos que, durante a pandemia, uma rede muito grande se formou com o intuito de aproximar a literatura infantil que estavam em isolamento social. Muitas histórias em PDF (Portable Document Format) foram disponibilizadas por muitos autores e editoras, de uma forma muito facilidade, possibilitando aos professores que pudessem incorporar as suas aulas online e ensino remoto muitas destas histórias.

Da mesma forma, a impressão de materiais também se fez necessário durante a pandemia, para atender famílias que não tinham acesso à internet ou não tinham como imprimir as atividades enviadas. Porém, mesmo com as atividades impressas, devido a tamanha desigualdade social e econômica no Brasil, existem ainda muitas adversidades que impossibilitam a esses estudantes terem êxito nos estudos. Como enfatiza Bourdieu (1998, p. 42), “A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito”. Sendo assim, as referências culturais que a criança tem em casa facilitarão o seu aprendizado escolar, assim como a falta do acesso a essas culturas também poderá contribuir para a perpetuação da desigualdade do saber.

A partir do conhecimento da realidade das crianças em situação de vulnerabilidade social, compreendemos que, enquanto o ensino remoto para alguns é algo difícil e cansativo, para outros é inalcançável, o que também contribui para que a desigualdade se perpetue.

Com relação as respostas das professoras B e C sobre a questão a cima, igualmente foram direcionadas para um período em que todos os professores tiveram que se reinventar, fazendo uso de novas metodologias, gravando vídeos, realizando vídeos aulas, postagem de atividades em plataformas de ensino e fazendo o uso de atividade presenciais quando necessário.

Já a Professora D, apresentou uma resposta bem otimista, quando escreveu que: “Foi um processo novo, construído no dia a dia, de acordo com as necessidades e com certeza, sem precedentes, mas sempre pensando em acertar para auxiliar alunos e professores.” Com isso, a resposta nos remete um período que embora difícil, foi realizado um trabalho de forma muito “leve”, sem muita cobrança sobre a sua prática, com muita tranquilidade que estava fazendo o seu melhor, ou seja, o melhor possível naquele momento. Podemos considerar que esta professora conseguiu se acolher neste momento, se permitiu viver um dia de cada vez, não se deixou se levar pelo medo que o momento causava. Talvez, isso se deva pelo fato de esta professora já trabalhar com as tecnologias educacionais, já ter um conhecimento aprofundado que lhe deu muita segurança e tranquilidade. De qualquer maneira, o ensino remoto foi desafiador para os profissionais da educação e exigiu conhecimentos prévios e sabedoria para tomar as decisões pedagógicas mais adequadas.

Considerações Finais

Alfabetizar durante uma pandemia foi uma tarefa muito desafiadora, pois jamais imaginava-se vivenciar uma experiência como de tal proporção. Para essa situação emergencial não havia referência alguma e, portanto, os professores inicialmente não sabiam o que fazer, como agir, se teriam resultados positivos. Com o intuito de responder estas e outras inúmeras indagações buscou-se pesquisar sobre a alfabetização em tempos de pandemia, procurando registrar essa vivência inédita, uma vez que ainda não havíamos enfrentado tal situação no contexto educacional. As práticas precisaram ser reconstruídas com o objetivo de atender este novo modo de alfabetizar sem a presença física, sem o toque, sem o olho no olho. Em vários momentos, encontrávamo-nos longe e muitas vezes, nem os encontros online eram possíveis. Nesse contexto, as redes sociais foram, mais de que nunca, fundamentais para não perder o vínculo. Porém, o professor alfabetizador soube, sim, se reinventar e excelentes práticas surgiram neste momento, onde os alunos e suas famílias

eram os protagonistas principais no processo de alfabetização e de construção de conhecimentos.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, Pierre. **A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**. In: _____. Escritos de Educação. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39-64.

CASTRO FILHO, Pedro Júlio de; ALBUQUERQUE, Francisco Nataniel Batista de. **Educação ambiental e os efeitos da pandemia de Covid-19 no ensino básico**. Revista Olhares & Trilhas, Uberlândia, Vol. 23 n. 2, abril-jun./2021, p. 580-595.

COCCO, Ricardo; CAIMI, Flavia Eloisa; **Interfaces entre educação e comunicação: pontos de intersecção**, Perspectiva, vol. 39, nº 1, p. 1–23, mar. 2021.
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/71053> . Acesso em 20 set. de 2021.

DONDI, Cláudio, & MORETTI, Michela. **A methodological proposal for learning games selection and quality assessment**. British Journal of Educational Technology, 2007.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. **Alfabetização na escola de nove anos: desafios e rumos**. In: SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização: “Dilemas da Prática”**. In: KRAMER, Sonia et al (org). Rio de Janeiro: Ltda., 1986.

LEMONS, Helen Denise Daneres, & ANTUNES, Helenise Sangoi. (2008). **Alfabetização e letramento: quais as percepções e práticas das acadêmicas do curso de Pedagogia?** *Educação*, 33(2), 241–260. Recuperado de <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/33> .Acesso em 06 de jan. de 2022.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação infantil: fundamentos e métodos**. Coleção docência em formação. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TFOUNI, Leda Verdiani. **Letramento e alfabetização**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época; v.47).